



TRÂNSITO ENTRE CARREIRAS: A NECESSIDADE DE NOVAS IDENTIDADES

Resumo - O processo de formação de identidade de atletas tem início ainda nas categorias de base, durante a adolescência. Diferentemente de outros grupos sociais que desenvolvem habilidades profissionais o atleta tem seu tempo dedicado a treinar e competir, ficando alienado de outras formas de socialização. A profissionalização esportiva começou no Brasil ao longo da década de 1980. Esse movimento gerou profundas transformações não apenas no exercício da profissão de atleta, mas também na constituição da identidade desse profissional que tem uma trajetória produtiva curta e uma aposentadoria precoce, se comparada a outras profissões. Denominada transição de carreira a aposentadoria do atleta tem desdobramentos profundos na vida dessas pessoas acostumadas a ter visibilidade social, assédio público e reconhecimento por seus feitos, pouco comuns aos cidadãos médios. O voleibol foi a primeira modalidade esportiva profissionalizada no país, servindo de exemplo a outras instituições. Entretanto, esse pioneirismo não se refletiu na preparação dos atletas para se retirar da vida competitiva. Em 2021, pela primeira vez, a Confederação Brasileira de Voleibol preparou um programa de transição de carreira para atletas que competiram nos torneios profissionais de quadra e praia. O objetivo dessa pesquisa é analisar como se dá o processo de transição de carreira entre atletas de voleibol e vôlei de praia e a construção da nova identidade após o distanciamento da vida competitiva.

Palavras-chave: transição de carreira; carreira atlética; identidade.

TRANSITION BETWEEN CAREERS: THE NEED FOR NEW IDENTITIES

Abstract – The process of forming athletes' identities still begins in the youth categories, during adolescence. Unlike other social groups that develop professional skills, the athlete has their time dedicated to training and competing, becoming alienated from other forms of socialization. Sports professionalization began in Brazil during the 1980s. This movement generated profound changes not only in the exercise of the profession of athlete, but also in the constitution of the identity of this professional who has a short productive trajectory and early retirement, compared to other professions. The so-called career transition, the athlete's retirement has profound consequences in the lives of those people who are used to having social visibility, public harassment, and recognition for their achievements, which are not common to average citizens. Volleyball was the first professional sport in the country, serving as an example to other institutions. However, this pioneering spirit was not reflected in the athletes' preparation to withdraw from competitive life. In 2021, for the first time, the Brazilian Volleyball Confederation prepared a career transition program for athletes who competed in professional court and beach tournaments. The objective of this research is to analyze how the career transition process takes place between volleyball and beach volleyball athletes and the construction of a new identity after moving away from competitive life.

Keywords: career transition; athletic career; identity.

TRANSICIÓN ENTRE CARRERAS: LA NECESIDAD DE NUEVAS IDENTIDADES

Resumen - El proceso de formación de la identidad de los deportistas aún comienza en las categorías juveniles, durante la adolescencia. A diferencia de otros grupos sociales que desarrollan habilidades profesionales, el deportista tiene su tiempo dedicado a entrenar y competir, alejándose de otras formas de socialización. La profesionalización deportiva se inició en Brasil durante la década de 1980. Este movimiento generó profundos cambios no solo en el ejercicio de la profesión de deportista, sino también en la constitución de la identidad de este profesional que tiene una corta trayectoria productiva y jubilación anticipada, en comparación con otras profesiones. La llamada transición de carrera, la jubilación del deportista tiene profundas consecuencias en la vida de aquellas personas que están acostumbradas a tener visibilidad social, acoso público y reconocimiento por sus logros, que no son comunes al ciudadano medio. El voleibol fue el primer deporte profesionalizado en el país, sirviendo de ejemplo a otras instituciones. Sin embargo, este espíritu pionero no se reflejó en la preparación de los atletas para retirarse de la vida competitiva. En 2021, por primera vez, la Confederación Brasileña de Voleibol preparó un programa de transición de carrera para los atletas que compitieron en torneos profesionales de cancha y playa. El objetivo de esta investigación es analizar cómo se produce el proceso de transición de carrera entre los deportistas de voleibol y voleibol de playa y la construcción de una nueva identidad después de alejarse de la vida competitiva.

Palabras-clave: transición de carrera; carrera atlética; identidad.

Katia Rubio

katrubio@usp.br

Faculdade de Educação

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v5.id132](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id132)*

Recebido: 28 set 2021

Aceito: 10 out 2021

Publicado: 12 out 2021

Introdução

O início das transmissões televisivas a partir dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, estabeleceu uma nova ordem comercial, levando o esporte e o Movimento Olímpico a reverem seus valores e conceitos sobre amadorismo e profissionalismo. A visibilidade que os atletas ganharam estimulou empresas a terem suas marcas associadas àqueles seres sobre-humanos capazes de realizações incomuns.

O crescente gigantismo dos Jogos Olímpicos e a necessidade de uma ampla infraestrutura para realização das competições, levou à entrada de grandes empresas no financiamento dos Jogos. A profissionalização do esporte ocorreu de forma desigual ao redor do planeta. Países com tradição em gestão esportiva rapidamente se adaptaram às regras olímpicas que permitiram aos atletas a realização de contratos profissionais com clubes e empresas. Esses países não apenas facilitaram o acesso à profissionalização de seus atletas como também se tornaram importantes mercados de trabalho para estrangeiros onde esse processo tardou a se realizar ou simplesmente não ocorreu.

Rubio e Melo¹ apontam que um processo semelhante pode ser observado dentro do Brasil onde as diferenças regionais levaram atletas de estados carentes de políticas para o desenvolvimento esportivo, a locais específicos para a prática esportiva especializada em busca de condições de treino, principalmente nas regiões sul e sudeste. O deslocamento provocado pela premência das condições materiais para o desenvolvimento da carreira esportiva desencadeou um processo de adaptação, socialização e aculturação dentro de diferentes padrões, nem sempre de fácil assimilação, dificultando a adaptação e comprometendo o desempenho de sua função atlética.

O processo de profissionalização do esporte ocorrido a partir da década de 1980 alterou, radicalmente a posição de sujeito do atleta. Desde o princípio da história olímpica contemporânea o atleta era o realizador das proezas esportivas sem, contudo, ocupar com o mesmo destaque e importância os cargos políticos que interferiram nos rumos do Olimpismo de forma geral. Interesses políticos latentes passaram a se somar às necessidades econômicas manifestas, tanto na manutenção do sistema esportivo geral como na realização dos Jogos Olímpicos em particular, tornando as fronteiras entre o público e privado, entre os interesses nacionais e internacionais fluídas e frágeis. Mediando esse processo está o atleta, protagonista do espetáculo esportivo, coadjuvante da macroestrutura do sistema olímpico, exilado das estruturas de poder, historicamente

constituídas por nobres, aristocratas e burocratas de todo o mundo. Desde a criação do Comitê Olímpico Internacional em 1894 até o presente, o Movimento Olímpico ditou as normas e direções para o esporte internacional, criando, por meio das Federações Internacionais, as regras para a prática competitiva de modalidades esportivas em todo o mundo, regras essas aplicadas àqueles que desejassem demonstrar suas habilidades físicas na execução dos gestos técnicos específicos exigidos por cada uma das modalidades olímpicas. Esse sistema centralizador e autocrático determinou os rumos não apenas institucionais do esporte, mas principalmente interferiu na vida dos atletas. Quem pode, como pode e onde pode competir sempre foram decisões tomadas por dirigentes esportivos que pouco ou nada representaram o interesse dos atletas nas esferas de poder²⁻⁴.

Se durante a fase do amadorismo⁵, período que compreende o início das competições olímpicas em 1896 até o final da década de 1980, o papel do atleta ficava restrito a executar com perfeição suas habilidades, essa função sofreu profundas transformações na passagem para o profissionalismo, momento em o atleta se transforma em representante de marcas e interesses comerciais em um mundo globalizado. Transformado em um trabalhador, o atleta passa a buscar mercado para vender sua mão-de-obra qualificada em busca de oportunidades para desenvolver suas habilidades. Nesse processo vive intensamente perdas de ordem familiar, social, cultural e emocional e também a aquisição de novos valores que reorganizam sua subjetividade.

O atleta profissional é um novo tipo de trabalhador que vende a sua força de trabalho (capaz de produzir um espetáculo que atrai multidões); é valor de troca regulado pelas leis de oferta e procura do mercado; é pessoa habilidosa que constrói sua identidade com a referência do esporte. A substituição do amadorismo pelo profissionalismo tornou o atleta um profissional do espetáculo muscular acompanhando a lógica da precariedade que afeta outras profissões desregulamentadas. Ainda assim, há quem persiga essa carreira em função da visibilidade alcançada por alguns dos protagonistas desse que é considerado o maior fenômeno sociocultural contemporâneo.

O objetivo desse artigo é proporcionar uma reflexão sobre o processo de transição de carreira entre atletas profissionais e as consequências desse momento na construção de novas identidades.

O esporte como profissão

Data de meados do século XX as primeiras elaborações acerca do esporte como objeto de reflexão filosófica e moral, bem como de seu papel social. Desde então é destaca-se a proximidade dessa prática pedagógica e competitiva de uma orientação liberal, bem como de um idealismo utópico de inclinação aristocrata. Essas referências situam geograficamente esse fenômeno em território inglês e francês, permitindo uma evidente associação aos movimentos sociais que ocorriam nesses países.

O historiador, pedagogo e utopista francês, Pierre Coubertin (1863-1937), foi o principal expoente e articulador deste primeiro projeto e política de esporte, cujo foco principal era, indiscutivelmente, conferir alguma centralidade ao humano. E em que pese as contradições deste ideal no que tange à própria concepção de humanidade, civilização, educação e universalidade, seu principal intuito era recuperar das práticas atléticas aquilo que se entendia ser seu “desígnio original”: a espiritualização dos corpos mediante o rito agonístico, seguido da preservação de uma tradição milenar⁶⁻⁸.

É com esse espírito que Coubertin convida escritores e os artistas a colaborar com a tese olímpica, fortalecendo assim o Olimpismo moderno. Acreditando que sua empreitada fosse capaz de restabelecer, no apogeu da era industrial capitalista, a ligação entre músculo e espírito, defendia o esporte como um valor universal, ainda que essa universalidade se estruturasse em valores europeus aristocráticos⁸. Um dos pilares dessa assertiva tinha como referência o caráter descompromissado da prática esportiva, base para a formação ética e moral de jovens portadores dos valores do liberalismo, cabendo à aristocracia política e intelectual a salvaguarda (exclusiva) dos valores constitutivos do Olimpismo⁹.

A profissionalização da prática esportiva consolida-se ao longo do século XX mesmo a contragosto dos dirigentes olímpicos. Em face das crises globais de ordem política, econômica e cultural, o Movimento Olímpico buscava se estabelecer como instituição única, e por isso exemplar, supranacional, apartidária e defensora do amadorismo. Desafiando a racionalidade dominante, entusiastas mais ortodoxos do Olimpismo entendiam que o interesse financeiro no esporte “profanava” uma manifestação cultural milenar⁸.

Parte fundamental do Olimpismo coubertiniano, o amadorismo compreendia uma espécie de “consciência moral do esporte” absolutamente avessa aos interesses

financeiros, não apenas por ser este um fator de segregação e desvantagem entre adversários, mas também devido ao desvio da finalidade original do esporte. O amadorismo permaneceria na ordem do dia do Comitê Olímpico Internacional (COI) como princípio, regra e fonte de controvérsias até meados de 1990, década de publicação das últimas diretrizes e notas de esclarecimento sobre o tema^{5,10,11}.

A atividade esportiva como profissão é um fenômeno recente, posto que a profissionalização no esporte só se tornou uma realidade a partir do início da década de 1980, exceto para o futebol onde isso já ocorria desde as primeiras décadas do século passado.

De acordo com Ferrando¹² a ênfase dada a prática esportiva não remunerada da burguesia europeia de finais do século XIX foi mantida pela maioria dos dirigentes do movimento olímpico contemporâneo, quase todos eles membros de grupos sociais privilegiados social, econômica e politicamente. Entretanto, o esporte de alto rendimento se converteu em algo tão qualificado do ponto de vista técnico que seus praticantes mais destacados e dedicados estão mais próximos, por sua extração social, da classe trabalhadora, que se pretendia manter alijada do esporte, que da burguesia dirigente. Daí Ferrando¹² denominar os atletas de alto rendimento de ‘trabalhadores do esporte’.

Para o esporte olímpico o marco da profissionalização coincide com os Jogos de Los Angeles, em 1984. Os procedimentos que marcaram essa prática nas nações ricas do planeta, com fortes investimentos privados e públicos, diferem em muito dos países pobres ou em desenvolvimento, principalmente do Sul Global¹³, onde o esporte ainda se estrutura em bases amadoras e/ou familiares.

A partir da segunda metade do século XX, o alcance social do esporte ganhou dimensões planetárias^{5,7,14}. Nesse mesmo período o campo do trabalho – representado especialmente pela figura do operário fabril – foi substituído pelas máquinas e deixou de ser o centro da luta de classes. Recém-chegado às programações de TV, o esporte de alto rendimento completava os últimos passos de sua transição para o profissionalismo, muito embora continuasse servindo ao poder residual dos Estados nacionais: mais voltados para as políticas higiênicas e de afirmação da identidade^{15,16}. Das principais características desta transição, vale destacar a revolução técnica e estética do desempenho atlético, a incorporação definitiva das ciências ao treinamento esportivo e a esportivização das experiências educativas^{5,15-18}. Transformação que abriu caminho à integração da indústria

cultural, por meio da qual o esporte passou a ser concebido não só como mercadoria, mas como o próprio espaço/tempo da livre circulação de uma infinidade de outras mercadorias e interesses^{14,15,19,20}.

O profissional do esporte

A história do esporte moderno é para Brohm¹⁵ a história da sua instrumentalização político-ideológica. Entretanto, é preciso considerar, a partir da razão neoliberal, que essa instrumentalização ganha novos contornos e estratégias tanto mais efetivas são a alienação e a dominação capitalista.

A partir da segunda metade do século XX, o alcance social do esporte começava a ganhar dimensões cada vez mais planetárias e comerciais^{5,7,14}. Mesmo período em que o campo do trabalho – representado especialmente pela figura do operário fabril – foi sendo não só substituído pelas máquinas, mas deixando de ser sede exclusiva da luta de classes. Recém-chegado às programações de TV, o esporte de alto rendimento completava os últimos passos de sua transição para o profissionalismo; muito embora continuasse servindo ao poder residual dos Estados nacionais: mais voltados para as políticas higiênicas e de afirmação da identidade^{15,16}. Das principais características desta transição, vale destacar a revolução técnica e estética do desempenho atlético, a incorporação definitiva das ciências ao treinamento esportivo, e a esportivização das experiências educativas^{5,15-18}. Transformação que abriu caminho à integração da indústria cultural, por meio da qual o esporte passou a ser concebido não só como mercadoria, mas como o próprio espaço/tempo da livre circulação de uma infinidade de outras mercadorias e interesses^{14,15,19-21}.

As transformações ocorridas na estrutura do esporte geraram profundas mudanças na vida dos atletas, razão de ser do espetáculo esportivo. O atleta profissional passa a ser considerado como um trabalhador.

Conforme Souto Maior e Souto Maior²² embora o atleta profissional não exerça uma atividade diretamente ligada à produção de mercadoria, ele está diretamente ligado aos grandes negócios que a ele se acoplam indissolúvelmente. O atleta é assim um trabalhador alienado, que serve de instrumento para a enorme circulação de mercadorias em que se fundamenta o esporte competitivo na sociedade capitalista.

Resumindo essa fórmula, o esporte é, em si, uma mercadoria. E mais resumidamente ainda, o próprio atleta é reificado e reduzido a mera força de trabalho. O exemplo dos vitoriosos no esporte reproduz e reforça as bases do trabalho produtivo: preparação; dedicação; determinação; programação; individualismo; concorrência; e mérito. O processo produtivo industrial se transporta para o esporte e este o revitaliza de modo velado, ao mesmo tempo em que a circulação de mercadorias se multiplica.

A conversão do esporte à razão de mercado, conforme criticamente interpretou Sewart¹⁴, implicou na redução do seu conteúdo intrínseco à ética capitalista da busca do lucro, a transformação das imagens em espetáculo, e do espetáculo em propriedade privada. A isto se segue um processo classificado pelo autor como dessimbolização, através do qual “o modelo idealizado de esporte, juntamente com sua tradição ritualística, significados, aura metafísica e potência democrática, são destruídos, tornando-se apenas outro item a ser trafegado como uma mercadoria (p. 172)*”.

Nisto, a ‘vocalização liberal e democrática’ do esporte se dissolve, ao passo em que os negócios e a determinação do dinheiro se solidificam. A esta interpretação, Rubio²³ acrescenta que a “ruptura da estrutura do esporte atual com os valores propostos originalmente impede que o Olimpismo seja entendido e praticado na atualidade da mesma maneira (p. 141)”. Pois a partir do momento em que vai sendo capturado e concebido pela razão capitalista como produto a ser consumido, o esporte passa a se orientar pelo humor dos consumidores e investidores. Isto significa, em outras palavras, que sua forma, tamanho, tempo de existência e dinâmica, passa a refletir uma demanda e cálculo de custo-benefício, ao qual obrigatoriamente se submetem Estados, Associações, Federações e Instituições de prática esportiva^{24,25}. Essa estrutura impõe, sobretudo aos protagonistas do espetáculo esportivo, a tarefa de se adaptar a um conjunto de exigências alheias – para não dizer incompatíveis – às especificidades e limites orgânicos de sua atividade laboral²⁰. Se num passado não muito distante as políticas de esporte e exigências de performance traduziam interesses de Estado, no presente, essas exigências têm por principal foco o retorno financeiro dos capitalista

Se amador ou profissional o fato é que todo atleta vive ou viveu a experiência de uma ruptura em suas atividades denominada transição de carreira, o que gera também uma transformação de identidade.

* Tradução nossa.

A chamada transição de carreira refere-se ao momento em que o atleta se prepara para se retirar de treinamentos e competições, em um processo que pode ser planejado ou compulsório. Entretanto, esse processo ocorre em um momento de vida do sujeito cronologicamente precoce, em que ele vive ainda sua plenitude biológica, disparando uma emoção paradoxal visto que ao mesmo tempo que se deseja o descanso é ainda muito cedo para se sentir afastado das atividades produtivas²⁶. Entende o autor que se retirar da carreira esportiva significa a necessidade de adaptar-se a uma nova condição de vida, em diferentes papéis e realizando ações que não necessariamente estarão relacionadas com a identidade do passado. Por isso é fundamental entender o processo de construção da identidade do atleta para poder prestar a atenção necessária a esse momento de transformação e alteração. Isso porque, a identidade do atleta pode ser compreendida a partir do aspecto motivacional, ou seja, as razões que o levaram a se destacar da média e alcançar posição de destaque em sua modalidade dentro da esfera competitiva relaciona-se com sua capacidade de perseguir objetivos e persistir diante da adversidade. A transição de carreira, nesse sentido, pode representar uma experiência que abre novas oportunidades para o atleta, onde ele pode tentar novos caminhos e explorar novas oportunidades.

Ao discutir os estágios de desenvolvimento da carreira do atleta, a FEPSAC (European Federation of Sport Psychology) não entende a transição da carreira esportiva como parte do processo de desenvolvimento do atleta, nem como algo inevitável em sua vida, perspectiva corroborada por autores que entendem ser a transição de carreira como um acontecimento abrupto e repleto de experiências negativas²⁷.

A transição de carreira tem profundos significados sociais, físicos e psicológicos para o atleta acostumado a uma vida dedicada a treinos, competições, visibilidade e em alguns casos, idolatria. O que chama atenção nesse processo é a identidade atlética, mecanismo desenvolvido pelo atleta para se definir como aquele que tem sua vida marcada pela prática esportiva regular, que pode, ou não, envolver a profissionalização. Atletas recém-aposentados, e mesmo outros que já deixaram suas carreiras esportivas há décadas, apresentam um sentimento de perda e incertezas sobre o futuro até decidirem por novos rumos profissionais^{6,28}.

A identidade atlética, no âmbito da adaptação à transição de aposentadoria do esporte, tem sido descrita em diversos estudos como um obstáculo à conclusão de

transições, devido à forma como se inscreve no indivíduo. Isso porque o atleta vive uma espécie de imersão que restringiria outras possibilidades de identificação, necessárias ao desenvolvimento e à mudança de papéis sociais inerentes à trajetória de vida²⁹⁻³³.

Conforme Angelo³⁴ (2012) o sentido efetivo da trajetória e a especificidade de sua construção se revelam mediante histórias, dificuldades e pontos de viradas subjetivamente significados. A dimensão adaptativa à transição constitui-se de uma relação entre tempo, contexto e papéis sociais, e as diferentes narrativas em torno da experiência comunitária (atletas) contribuiriam com a construção de uma categoria deste grupo a partir dos pontos em comum encontrados nas contradições e potenciais próprios do processo narrativo.

Um processo planejado de transição pressupõe uma preparação que começa por diminuir o ritmo de treinos e competições e pode ser desencadeado pelo decréscimo da motivação intrínseca ou por sinais de fadiga. Um processo compulsório se dá por algum impedimento físico, como lesões ou perda de potencial físico, ou institucional, como questões de ordem política que alteram o curso do plano de vida e impõem uma necessidade não desejada e não planejada³⁵.

De acordo com Sgobi²⁸, o encerramento da carreira esportiva começou a ser compreendido como um importante fenômeno nos últimos vinte anos. Isso porque a divisão social entre atletas de elite e a população em geral começou a ganhar novos contornos a partir do final da década de 1980 com a expansão da profissionalização de atletas até então proibida pelas rígidas normas do Comitê Olímpico Internacional.

Brewer et al³⁶, Murphy²⁶ (1995) e Drahota e Eitzen³⁷ apontam diferentes circunstâncias para se iniciar um processo de transição de carreira.

Seria possível começar com uma livre escolha, condição importante, para finalizar uma atividade que por tanto tempo conferiu sentido à identidade do atleta. Entre as várias razões que levam o atleta a optar por finalizar sua carreira estão o fato de já ter alcançado os objetivos a que se propôs, a determinação de novas prioridades para sua vida (situação intimamente relacionada com o nível de motivação desejado e necessário para se manter na vida competitiva) e a falta de prazer naquilo que vinha realizando, condição também relacionada com a motivação. Para os autores, os atletas que escolhem parar sua atividade esportiva competitiva podem se preparar para isso planejando suas ações futuras e executando essas ações dentro do ritmo próprio de sua dinâmica psíquica. Ou seja, agindo

dessa forma há tempo para que diferentes mecanismos de enfrentamento sejam experimentados e mobilizados ao longo do processo. Entretanto, a escolha desse momento não garante a inexistência de sofrimento pela situação, uma vez que sentimento de perda faz parte do processo que leva a uma reflexão sobre uma história pregressa contemplada de êxito.

Outras causas apontadas pelos autores são da ordem do incontrolável, do inexorável e do inevitável. A idade é uma das razões mais comuns para a transição de carreira. Isso porque há um declínio inevitável das capacidades físicas com o decorrer dos anos e ainda que as novas tecnologias e o avanço da ciência contribuam para que esse limite se prolongue, não será mais possível adiar esse momento indefinidamente. Dependendo da modalidade esse momento pode ocorrer precocemente ou ser adiado para a idade adulta madura. Outro fator que pode contribuir para a transição da carreira de um atleta é o corte ou o fato de ter sido preterido em uma escalação para a constituição de uma equipe em uma importante competição.

Segundo a Teoria da Carreira³⁸, o trabalho pode fornecer ao indivíduo uma forte influência quer nas adaptações pessoais, quer no desenvolvimento que experimenta ao longo da vida. O valor desta teoria reside no fato de considerar o indivíduo como um todo, na sua relação com as situações de trabalho e por considerar ainda o indivíduo e a organização para a qual trabalha, sendo fundamentais direitos e deveres de ambas as partes. Ou seja, a qualidade das transições depende de fatores de adaptação, tais como experiências de desenvolvimento, autoconceito, percepções de controle, identificação social e contribuições de terceiros, bem como de recursos disponíveis para enfrentar a adaptação, nomeadamente estratégias para lidar com a situação, apoio social e um planejamento prévio do desinvestimento na carreira.

Para Marivoet³⁹, o envolvimento em práticas esportivas inseridas em quadros de competição, decorrem tanto dos valores socioculturais dos atletas, naquilo que se refere à atividade esportiva, como da valorização dada ao esporte nos espaços sociais em que se inserem. Deste modo, o envolvimento, o êxito e a permanência em carreiras esportivas não poderão ser entendidos apenas considerando características fisiológicas, pedagógicas ou de personalidade, enquanto potencializadoras de maior desempenho e maior determinação e adaptação às expectativas exigidas por técnicos e organizações esportivas.

O estudo realizado por Bastos⁴⁰ concluiu que a participação das esferas sociais, mais especificamente pais e amigos preconiza uma boa preparação para o planejamento da carreira esportiva, incluindo a finalização de carreira. Além disso, avalia especificamente a importância do técnico como agente facilitador deste processo, apontando que estratégias de comunicação são eficazes nesta tarefa. O fato de agentes facilitadores não darem o suporte suficiente para a discussão do tema no contexto esportivo faz com que os motivos desta negação levem ao entendimento da fase psíquica que vive o atleta de alto rendimento.

Com o fato de a aposentadoria ocorrer em um período marcado inicialmente pelo abalo na autoestima do atleta, isso gera uma perda de marcadores de identidade que fundou anteriormente sua estrutura psíquica, seja seguida por uma fase de crescimento pessoal, renovação, orquestrada por um redesenho da identidade e dos modelos de referência inicial. Neste sentido, o processo de conversão é chamado de transição. A forma como o atleta vive esta fase está ligada ao seu funcionamento intrapsíquico⁴¹.

Visto que as relações entre aposentadoria, enfrentamento e adaptação à transição até então não foram conceitualmente esclarecidas, estudos que evoquem a interpretação do protagonista sobre suas próprias experiências na carreira consistiriam uma alternativa metodológica de análise própria às especificidades desta temática⁴², em que a relação entre colaborador e pesquisador se complementaria, rumo aos significados desse fenômeno.

Considerações finais

Entre os fatores que levam um atleta a planejar a transição de sua carreira é o fato de seu corpo já não mais responder às expectativas de rendimento em treinos e competições, impedindo a obtenção de resultados passados. Para aqueles que viveram a condição de campeões, essa situação ganha outros contornos, uma vez que, além dos resultados competitivos, esse atleta experimentou também a glória da vitória e todos seus desdobramentos.

A carreira atlética é composta por, no mínimo, três fases: iniciação, competição e aposentadoria sendo considerada até pouco tempo pelas ciências da gestão como não-carreira⁴³. São muitas as etapas, fases ou ciclos vividos pelo atleta desde a sua iniciação. Transições são inevitáveis e naturais no desenvolvimento da carreira atlética e

caracterizam-se como um processo complexo que abrange uma série de situações com exigências de ajustamento nas esferas da vida ocupacional, financeira, psicológica e social. A transição atlética pode ser definida como “evento ou não evento o qual resulta em uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo e assim requer uma mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios (p. 7)”⁴⁴.

Durante e depois de sua carreira, o atleta enfrenta situações com diferentes níveis de exigência de ajustamento nas esferas de vida ocupacional, financeira, psicológica e social. A aposentadoria do atleta, no aspecto de ajustamento à vida, não se mostra diferente de outras profissões ou mesmo de outras formas de transição e é uma fase inevitável da carreira esportiva⁴⁵.

Em cada transição dentro da própria carreira são necessárias adaptações na identidade vivida pelo atleta: de categoria de base para profissional, de reserva para titular, entre os clubes que defende e finalmente a retirada das competições que marcaram a vida como profissional do esporte.

Esse processo que se dá em um plano de desenvolvimento que segue de perto as etapas do desenvolvimento humano, ganha contornos nítidos ao se observar que uma carreira esportiva tem um tempo limitado para ocorrer, que atinge sua fase áurea durante a segunda e terceira décadas da vida e que se encerra quando ainda é tempo para se realizar inúmeras outras atividades. Considerando a dedicação necessária para a construção de uma carreira vitoriosa, o momento de aposentadoria também pode representar o início de uma nova fase em que realizações que permaneceram latentes ganham espaço para se manifestarem.

A realidade do atleta que se dedica a conquistar grandes marcas é árdua, o que o leva a se sentir no limite de sua capacidade. Esse entendimento leva Martini⁴⁵ a destacar que atletas com elevados recursos para lidar com as situações de transição tenderão a experimentar menos estresse do que atletas com poucas habilidades para alterar suas rotinas e seus hábitos de vida, sendo que a qualidade de ajustamento está influenciada pela quantidade de recursos disponíveis para lidar com a nova situação.

Quando existem condições para adaptações a transição pode ser positiva. O sucesso na transição de carreira esportiva exige a busca de autonomia pessoal durante a carreira esportiva e a consciência sobre formas de investimento material e libidinal em outras esferas da vida.

O término de carreira e a pós-carreira atlética têm chamado a atenção de estudiosos tanto da Psicologia como da Sociologia do Esporte. Isso porque ao representar um papel de destaque na indústria cultural contemporânea, o esporte, seus protagonistas e seus feitos são compartilhados socialmente, o que torna o atleta uma figura pública, de grande reconhecimento popular e, em alguns casos, a imagem do seu país em âmbito internacional. O desdobramento disso é a dificuldade em manter sua privacidade e lidar com cautela com questões que transitam no limite entre o público e o privado. Deixar de defender as cores do país, em alguns casos, é muito mais do que uma decisão pessoal, ela pode representar uma questão de Estado. E, diante do contexto social e político vividos, esse final de carreira pode representar o recolhimento e o gozo desejados, como também pode significar uma forma de traição ou falta de cuidado com milhões de pessoas.

Afirmo ainda que a identidade de atleta segue com essa pessoa ao longo da vida, mesmo no exercício de outros papéis sociais e profissionais. Urge que instituições esportivas e detenham-se sobre o tema para que sejam oportunizadas as condições necessárias para que o trânsito entre carreira ocorra com respeito à trajetória passada de atletas.

O processo de construção de novas identidades é lento e, por isso, precisa de tempo para se consolidar.

Referências

- 1 Rubio K, Melo G. Além da personalidade: para um entendimento do papel social do atleta. In.: Rubio K, Camilo JAO (orgs). *Psicologia Social do esporte*. São Paulo: Laços; 2019.
- 2 Rubio K. Novas identidades e novas carreiras: a transição entre atletas olímpicos brasileiros In: Rubio K. (org.) *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 47-64.
- 3 Rubio K. From Amateurism to Professionalism: Sport's Transformations by the Brazilian Olympic Athletes Lenses. *Humanities and Social Sciences*. 2013;1:85.
- 4 Rubio K, Camilo JAO. O esporte como campo do trabalho: perspectivas de uma psicologia do trabalho In: Camilo JAO, Rubio K (orgs) *Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios*. São Paulo: Laços; 2020. p. 41-54.
- 5 Rubio K. A dinâmica do Esporte olímpico do século XIX ao XXI. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2011; 25:83-90.
- 6 Rubio K. *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 7 Rubio K. *O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo*. Scripta Nova. 2002;VI:1-10.
- 8 Coubertin P. *Olimpismo – Seleção de textos*. Porto Alegre: EdiPUCRS; 2015.

- 9 Ferreira Junior NS, Rubio K. Carreira e pós-carreira: a transição entre pós-atletas olímpicos brasileiros. In: *Cuidar da casa comum: da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades da Educação Física e do Desporto*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; 2018. p. 231-242.
- 10 Giglio SS. COI x FIFA: a história política do futebol nos jogos olímpicos [Tese]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo; 2013.
- 11 Ferreira Junior NS. Término, transição de carreira e vida pós-atleta entre corredoras olímpicas brasileiras. *Olimpianos Journal of Olympic Studies*. 2017;1(2):187-209.
- 12 Ferrando MG. *Los deportistas olímpicos españoles: un perfil sociológico*. Madrid: Consejo Superior de Deportes; 1996.
- 13 Sousa Santos B. *O fim do império cognitivo. A afirmação das epistemologias do sul*. Coimbra: Almedin; 2018.
- Santos BDS, Meneses MP. (2010). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez; 2010.
- 14 Sewart JJ. The commodification of sport. *International Review for the Sociology of Sport*. 1987;22(3): 171-192.
- 15 Brohm J-M. *Sociología Política del Deporte*. México: Fondo de Cultura Económica; 1982.
- 16 Toledo LH. Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). *BIB*. 2001;52:133-165.
- 17 Bracht V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*. 1999;19(48):69-88.
- 18 Torri D, Vaz AF. Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 2006;28(1):185-200.
- 19 Brohm J-M, Peralman M, Vassort P. A ideologia do esporte-espetáculo e suas vítimas [citado 09 out 2021]. *Le Monde Diplomatique*; 2004. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-ideologia-do-esporte-espetaculo-e-suas-vitimas/>.
- 20 Ferreira Junior NS, Rabelo IS, Camilo JAO. Carreira, transição e outros dilemas da “profissão” atleta. In: Rubio K (Org.) *Do neo ao pós-olimpismo: esporte e movimento Olímpico no século XXI*. São Paulo: Képos; 2019. p. 119-144.
- 21 Riordan J. Amateurism, sport and the left: Amateurism for all versus amateur elitism. *Sport in History*. 2006;26(3):468-483.
- 22 Souto Maior GM, Souto Maior JL. Trabalho e esporte: uma contribuição à consciência de classe do atleta profissional. In: Camilo JAO, Rubio K. (orgs) *Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios*. São Paulo: Laços; 2020. p. 23-40.
- 23 Rubio K. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Revista Paulista de Educação Física*. 202;16(2):130-143.
- 24 Oléias VJ. Políticas esportivas no neoliberalismo. *Motrivivência*. 1999;12:65-78.
- 25 Coakley J. Ideology doesn't just happen: sports and neoliberalism. *Revista da Associação Latino-Americana de Estudos Socioculturais do Esporte*. 2011;1(1):67-84.
- 26 Murphy SM. Transitions in competitive sport: maximizing individual potential. In: Murphy SM (ed.). *Sport psychology interventions*. Champaign, IL: Human Kinetics; 1995. p.331-346.
- 27 Alfermann D. Causes and consequences of sport career termination. In: Lavalee D, Wylleman P. (Ed.). *Career transitions in sport: international perspectives*. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, Inc.; 2000.
- 28 Sgobi K. Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*. 2008;2:1-22.

- 29 Baillie PH., Danish SJ. Understanding the career transition of athletes. *The Sport Psychologist*, 1992;6(1): 77–98.
- 30 Ogilvie BC, Taylor J. Career termination issues among elite athletes. In: Singer RN, Murphey M (Ed) *Handbook of research on sport psychology*. London: Macmillan Pub Co; 1993. p. 761-775.
- 31 Pearson RE, Petitpas AJ. Transitions of athletes: developmental and preventive perspectives. *Journal of counseling & development*. 1990;69(1):7-10.
- 32 Sinclair DA, Orlick T. Positive transitions from high-performance sport. *The sport psychologist*. 1993;7(2):138-150.
- 33 Price N, Morrison N, Arnold S. Life out of the limelight: Understanding the non-sporting pursuits of elite athletes. *The international journal of sport and society*. 2010; 1(3): 69-79.
- 34 Angelo LF. Gestão de carreira esportiva na transição. In: Rubio K (org.) *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012.
- 35 Stambulova NB. Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. *The sport psychologist*. 1994;8(3):221-237.
- 36 Brewer et al. Psychological factors, rehabilitation adherence, and rehabilitation outcome after anterior cruciate ligament reconstruction. *Rehabilitation Psychology*. 2000;45(1):20.
- 37 Drahota JAT, Eitzen DS. The role exit of professional athletes. *Sociology of Sport Journal*. 1998;15(3):263-278.
- 38 Arthur MB, Hall DT, Lawrence BS. *Handbook of career theory*. New York: Cambridge University Press; 1989.
- 39 Marivoet, S. Investimentos sociais em carreiras desportivas. *Revista Horizonte*. 1997;76:26-31.
- 40 Bastos ESEM. A importância da gestão de carreiras em atletas de alto rendimento: estudo exploratório [tese]. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa; 2009.
- 41 Stephan Y, Torregrosa M, Sanchez X. The body matters: psychophysical impact of retiring from elite sport. *Psychology of sport and exercise*. 2007;8(1):73-83.
- 42 Blinde EM, Greendorfer SL. A reconceptualization of the process of leaving the role of competitive athlete. *International review for the Sociology of Sport*. 1995;20(1-2): 87-94.
- 43 Ribeiro CAC. *Desigualdade de oportunidades no Brasil*. Belo Horizonte/MG: Argumentum; 2009.
- 44 Schlossberg NK. A model for analyzing human adaptation to transition. *The counseling psychologist*. 1981;9(2):2-18.
- 45 Martini L. Transição de Carreira e suas implicações no Esporte. In: Rubio K (org.) *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012. p. 8-35.